



## RURAL E URBANO: CONTRAPONDO UM PROCESSO DE HOMOGENEIZAÇÃO

SOUZA, JanielD. de  
UEG/UnU Goiás  
[dedelsolza@hotmail.com](mailto:dedelsolza@hotmail.com)

AGUIAR, Willian F. de  
UEG/UnU Goiás  
[williamelhordobrasil@hotmail.com](mailto:williamelhordobrasil@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

Contrapondo-se uma concepção neoliberal de mundo comandado por grandes empresas e grupos econômicos, vivenciamos um contexto de diferentes sociedades agrárias com diferentes culturas em uma imensa diversidade natural. Sociedades que se reafirmam em outro mundo, um mundo dividido, de ideologias distintas, que contraria a ideia de união (globalização), manifestando suas diferenças em um século de homogeneização que vem a resolver os problemas técnicos e de sobrevivência através dos diversos conhecimentos agregados.

Simultaneamente a esta realidade há uma análise fragmentada, uma ciência dividida, como se fosse possível à compreensão de um mundo que se entrelaça com todos os seus elementos através de uma visão ramificada que nos proporciona uma ciência parcelada.

Assim na necessidade de ter integrado o conhecimento da natureza que o homem pretende explorar e dominar e o da sociedade em que ele organiza e que pretende controlar, cria-se no mundo contemporâneo, uma perspectiva equivocada que reforça dualidades, um mundo rural e um mundo urbano, uma geografia física e de uma geografia humana, devido às diferenças culturais e financeiras que vem sendo cada vez mais presentes, temos ideias como a de um camponês conservador, isolado da evolução social, que contribuía para impedir os avanços das conquistas sociais. Porém, o que de fato ocorre é uma invasão do mundo urbano no

Anais da Semana de Integração Acadêmica

02 a 06 de setembro de 2013

Anais - Goiás, v.1, n.1, 2013 | **166** (p.166-169)



mundo rural, destruindo suas crenças e costumes com uma ideologia imposta que diminui a dignidade do camponês o tratando como ignorante e atrasado.

## QUEBRANDO IDEAIS

Claramente expostas nos romances do século XIX, onde temos o rural como atrasado, de mentalidade subdesenvolvida, de categorias sociais rudimentares, eternamente caracterizadas em figuras como “Jeca Tatu” (Personagem criado por Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*) que reafirmamos os verdadeiros ideais de uma classe dominante ao rebaixar a figura do camponês a tão extremos. Como não pensar na hipótese de Henri Lefebvre, em análise do contexto histórico humano, classificando-a em três épocas: o rural, o industrial e o urbano, onde o rural seria a subordinação da agricultura a indústria, o industrial seria o mundo contemporâneo, a subordinação da indústria à urbanização e o urbano a urbanização completa, extinguindo o mundo rural. (LEFEBVRE 1970).

Mesmo sendo utópico o pensar de um mundo completamente urbano, sendo que “O ambiente urbano é, portanto, resultado de aglomerações localizadas em ambientes naturais transformados, e que para a sua sobrevivência e desenvolvimento necessitam dos recursos do ambiente natural.” (PHILIPPI Jr, ROMÉRO, BRUNA, 2004). Devemos nos atentar aos movimentos realizados pelas classes dominantes, classes essas que apenas visam o lucro, em uma tentativa de se manter em um mundo extremamente capitalista.

Já é realidade a expulsão do camponês do meio rural para a dominação dos grandes latifúndios. Hoje o campo no Brasil e em grande parte do mundo é visto como reprodutor de capital. Não abandonando o pensamento de um urbano dependente do rural, temos em primeira instância, o urbano de grandes indústrias necessitando cada vez mais de matéria prima produzida pelo campo, logo depois, o



urbano social, que de extrema dependência do campo, exige cada vez mais qualidade, rapidez e quantidade na produção de alimentos, que em sua grande maioria produzido por camponeses, pois são eles que alimentam a maior parte da população, seja ela rural ou urbana.

“Na última pesquisa divulgada, com dados de 2002-2003, 46,6 por cento das famílias brasileiras afirmaram ter dificuldade em obter alimentos suficientes, sendo que para 13,8 por cento delas, a dificuldade era freqüente. Na região Norte, as proporções eram, respectivamente, de 63,9 por cento e 17,2 por cento, e, na Região Sudeste, de 60,8 por cento e 19,3 por cento, números extremamente elevados, que mostram a gravidade do problema no país. Aplicando-se a escala de segurança alimentar desenvolvida pela Universidade de Warwick, adaptada para o caso brasileiro, a situação é mais crítica. Os dados levantados pela PNAD 2004 demonstram que 39,9 milhões de brasileiros (21,7 por cento do total), distribuídos em 9,7 milhões de domicílios estão sujeitos à condição de insegurança alimentar grave ou moderada.” (CAMPOS, Christiane S. S.; CAMPOS, Rosana S. 2007).

Vindo a tona o paradoxo de um país que assume o terceiro lugar no mundo de maior exportador agrícola, de acordo com a FAO (A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) mantém cerca de 32 milhões de pessoas passando fome, mais 65 milhões de pessoas que não ingerem a quantidade mínima diária de calorias, ou seja, se alimentam de forma precária. Vemo-nos preocupados com os rumos da nova sociedade, a fim de alertar, sobre as alterações feitas no campo, pela nova forma de territorialização do capital, que põe em risco a soberania alimentar de toda sociedade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática em torno da soberania alimentar, que esta extremamente ligada a instabilidade do camponês, nos sugere um “repensar” de nossa estrutura social, pois, da mesma forma que o governo implementa políticas públicas de combate a fome disponibiliza ferramentas para o avanço do agronegócio que produz exclusivamente para exportação. Neste contexto, vemos que o alcance da soberania alimentar esta diretamente ligado as lutas populares, lutas que só são possíveis com o estudo e análise constante feitas pelas mais diversas instituições de ensino, afim de denunciar os falsos dizeres do agronegócio.

## REFERÊNCIAS

- LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 178p. Tradução de Larévolutionurbaine. Paris: Éditions Gallimard, 1970.
- PHILIPPI JR, Arlindo; ROMÉRO, Marcelo A.; BRUNA, Gilda Collet. Uma introdução à questão ambiental. In: PHILIPPI JR, Arlindo; ROMÉRO, Marcelo A.; BRUNA, Gilda Collet (Editores). Curso de gestão ambiental. Barueri: Manole, 2004.
- CAMPOS, Christiane S. S.; CAMPOS, Rosana S. Soberania Alimentar Como Alternativa ao Agronegócio no Brasil. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 9., Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738 2007, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/chriscam.htm>> Acesso em: 01 de novembro de 2013.
- FAO. 33 milhões de pessoas passam fome na América do Sul, afirma FAO. ONUBR. 2012. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/33-milhoes-de-pessoas-passam-fome-na-america-do-sul-afirma-fao/>>. Acessado em: 01 de novembro de 2013.